

1

Numa manhã de domingo, logo a seguir à primeira missa em Clonegal, o meu pai, em vez de me levar para casa, atravessa o condado de Wexford em direção à região costeira de onde a família da minha mãe é oriunda. O dia está quente, luminoso, com manchas de sombra e uma luz esverdeada súbita ao longo da estrada. Atravessamos a aldeia de Shillelagh, onde o meu pai perdeu a nossa *shorthorn* ruiva num jogo de lerpa, e continuamos até passarmos o mercado de Carnew, onde o homem que nos ficou com a novilha a vendeu pouco depois. O meu pai atira o chapéu para o banco do pendura, baixa o vidro do carro e começa a fumar. Desmancho as tranças do cabelo e estendo-me ao comprido no banco de trás, erguendo o olhar para o vidro traseiro. Aqui e ali, céu azul e limpo. Aqui e ali, o azul está esborratado com nuvens, mas, no geral, é uma mistura estonteante de céu e árvores atravessados por cabos de eletricidade em cima dos quais, de vez em quando, se veem pequenos bandos acastanhados de pássaros evanescentes.

Pergunto-me como será esse tal sítio dos Kinsellas. Imagino uma mulher alta parada sobre mim, a obrigar-me a beber leite ainda quente da vaca. Imagino uma outra versão, menos provável, dela vestida com um avental, a verter massa de panquecas

para uma frigideira e a perguntar-me se quero mais uma, como às vezes a minha mãe faz quando está bem-disposta. O homem não será mais alto do que ela. Vai levar-me à cidade em cima do trator e comprar-me limonada vermelha e batatas fritas. Ou então vai obrigar-me a limpar barracões, a apanhar pedras e a arrancar ambrósias e azedas nos terrenos. Imagino-o a tirar o que espero ser uma moeda de cinquenta *pence* do bolso, mas afinal é apenas um lenço de assoar. Pergunto-me se morarão numa antiga casa de quinta ou numa casa de madeira nova, se terão uma casa de banho exterior ou interior, com sanita e água corrente. Imagino-me deitada num quarto escuro com outras raparigas, a dizermos coisas sobre as quais jamais falaremos à luz do dia.

Passa uma eternidade, parece-me, até o carro abrandar a velocidade e virar para uma rua estreita e alcatroada, e depois um arrepio na barriga quando as rodas passam por cima do estrado metálico que impede a passagem do gado. De ambos os lados há sebes densas aparadas num formato quadrangular. Ao fundo do caminho de acesso vê-se uma casa branca e comprida, com árvores cujos ramos roçam no chão.

— Pai — digo. — As árvores.

— O qu' é que têm?

— Estão doentes — respondo.

— São chorões — replica ele e depois pigarreja.

No pátio de entrada, vidraças altas e reluzentes refletem a nossa chegada. Vejo-me a espreitar do banco de trás, com o ar revoltado de uma criança cigana por causa do cabelo completamente solto, mas o meu pai, sentado ao volante, está tal e qual como o meu pai. Um cão grande e solto, com o pelo sarapintado pelas sombras das árvores, dá uns latidos roucos e pouco convincentes e depois senta-se no degrau e olha para a entrada, onde o homem acabou de aparecer. Tem o corpo meio atarracado, como os homens que as minhas irmãs às vezes desenham, mas as suas sobrancelhas são brancas e condizem com

o cabelo. Não se parece nada com os familiares da minha mãe, que são todos altos e têm os braços compridos, e pergunto-me se não nos teremos enganado na casa.

— Dan — diz o homem e depois parece ficar um pouco tenso. — Com' é que vai isso?

— John — responde-lhe o meu pai.

Ambos ficam especados a contemplar o pátio por momentos e depois começam a conversar sobre a chuva: que chove pouco, que os terrenos precisam de chuva, que ainda nessa manhã o padre em Kilmuckridge tinha rezado para que viesse chuva, que nunca antes se viu um verão como este. Segue-se uma pausa durante a qual o meu pai cospe para o chão, e depois a conversa muda para o preço do gado, a CEE, as montanhas de manteiga, o custo da calda bordalesa e do desinfetante para ovelhas. É algo a que estou acostumada, esta maneira que os homens têm de não dizerem nada: gostam de pontapear um torrão de terra com o calcanhar da bota, de dar uma palmada no tejadilho de um carro antes de este arrancar, de cuspir, de se sentarem de perna aberta, como se não quisessem saber de nada.

Quando a senhora Kinsella emerge da casa, não presta qualquer atenção aos homens. É ainda mais alta do que a minha mãe, com o mesmo cabelo preto, só que o dela está cortado curto, como um capacete. Está vestida com uma blusa estampada e umas calças castanhas boca de sino. A porta do carro é aberta, e sou puxada para a rua e beijada. Ao ser beijada, sinto a cara muito quente encostada à dela.

— A última vez que te vi estavas no carrinho de bebé — diz-me ela, dando um passo atrás, à espera de uma resposta.

— O carrinho está partido.

— Então mas o que é que lhe aconteceu?

— O meu irmão usou-o como carrinho de mão, e a roda soltou-se.

Ela ri-se, passa a língua no polegar e limpa-me qualquer coisa da face. Sinto o polegar dela, mais macio do que o da minha

mãe, a limpar não sei o quê. Quando ela olha para a minha roupa, vejo o meu vestido de algodão fino e as sandálias empoeiradas através dos seus olhos. Por momentos, nenhuma de nós sabe o que dizer. Uma brisa estranha e madura está a atravessar o pátio.

— Vamos para dentro, minha pequenita.

Ela conduz-me ao interior da casa. Há um instante de escuridão no corredor; quando hesito, ela hesita comigo. Atravessamos a casa em direção ao calor da cozinha, onde me é dito para me sentar, para fazer como se estivesse em casa. Além do cheiro de algo a cozer no forno, percebe-se um desinfetante qualquer, talvez lixívia. Ela tira uma tarte de ruibarbo do forno e pousa-a na bancada, para que arrefeça: o doce borbulhando quase a ponto de transbordar, as delicadas folhas de massa cozidas na cobertura. Uma corrente de ar frio sopra porta adentro, mas a cozinha está quente, silenciosa e asseada. As margaridas olho-de-boi altas estão tão imóveis como a alta jarra de água dentro da qual se encontram. Não há um único vestígio, em parte alguma, da presença de uma criança.

— Então e como é que a tua mamã tem passado?

— Ganhou dez libras na lotaria.

— Não me digas...

— Digo, sim — replico. — Todos comemos gelado e gelatina, e ela comprou uma câmara de ar nova e um estojo de remendos para a bicicleta.

— Isso é que foi, hum?

— Pois foi — respondo-lhe, ainda sentindo o couro cabeludo a arder do raspar dos dentes do pente de alumínio nessa manhã, a força das mãos da minha mãe enquanto me fazia as tranças apertadas, a barriga dela roçando-me nas costas, dura com mais um bebé dentro. Penso nas cuecas lavadas que ela guardou na mala, na carta e no que ela poderá ter escrito. Eles tinham trocado algumas palavras.

Durante quanto tempo devem ficar com ela lá?

*Não podem ficar com ela o tempo que quiserem?
É isso que devo dizer-lhes?*, perguntou o meu pai.
Diz o que quiseres. Não é como se não o fizesses sempre.

Agora, a senhora Kinsella enche um púcaro com leite.

— A tua mãe deve andar muito ocupada.

— Está à espera de que venham cortar o feno.

— ‘Inda não cortaram o feno? Não ‘tão atrasados?

Quando os homens entram em casa, fica momentaneamente escuro, mas a luz volta assim que eles se sentam.

— Tudo bem, ó senhora? — diz o meu pai, puxando uma cadeira.

— Dan — responde ela, num tom diferente.

— Que brasa que está lá fora.

— ‘Tá calor, ‘tá. — Ela vira-se de costas, para vigiar a chaleira, à espera.

— Os campos bem que precisavam de uma pinguinha d’água.

— Era preciso era que chovesse a sério.

Ela olha para a parede, como se aí houvesse um quadro pendurado, mas não há nenhum quadro nessa parede, apenas um grande relógio de mogno com dois ponteiros e um pêndulo de cobre grande, a balouçar.

— Ainda assim, que belo ano este para o feno. Nunca vi nada igual — responde o meu pai. — Tenho o palheiro cheio até acima. Quase abri a cabeça a bater nas vigas, enquanto andava a arrumá-lo.

Pergunto-me por que razão o meu pai estará a mentir em relação ao feno. Tem a mania de mentir sobre coisas que, em sendo verdade, seriam agradáveis. Algures, ao longe, alguém ligou uma serra elétrica, e esta ecoa na distância durante algum tempo, qual vespa gigante prestes a ferrear. Quem me dera estar lá fora, a trabalhar, pois não estou acostumada a estar sentada quieta e por isso não sei o que fazer com as mãos. Por um lado, quero que o meu pai me deixe aqui, e, por outro, quero que me leve de volta para casa, para o ambiente que conheço.

Estou numa posição em que não posso ser como sempre sou, nem transformar-me no que poderia ser.

A chaleira começa a deitar vapor e a ferver, a tampa de alumínio aos tremeliques. A presença de um gato preto e branco faz-se notar no parapeito da janela. No chão, sobre os mosaicos frios e imaculados, a sombra da mulher estende-se quase até alcançar a minha cadeira. O Kinsella levanta-se da cadeira e vai buscar uma pilha de pratos ao armário, abre uma gaveta, tira garfos e facas, colheres de chá. Abre um frasco de beterrabas e coloca-o num pires, com um pequeno garfo para servir, e depois pousa na mesa uma pasta para sandes e um molho para salada. O meu pai observa tudo com atenção. Entretanto, há também uma tigela com tomate e cebola picados muito finos, um pão fresco e um pedaço de *cheddar* vermelho.

— Então e com' é qu' está a Mary? — pergunta a mulher.

— A Mary? Está quase no fim do tempo. — O meu pai recosta-se, satisfeito.

— Imagino que o último bebé já esteja a ficar grandinho.

— Pois — responde o meu pai. — O problema é alimentá-los. Não há apetite como o de uma criança, e acreditem que esta aqui não lhe fica atrás.

— Ah, todos temos fases em que comemos mais ou menos, conforme crescemos — responde a mulher, como se isso fosse algo que ele devesse saber.

— Ela come qu' se farta... mas podem sempre pô-la a trabalhar.

O Kinsella ergue o olhar.

— Aqui não há necessidade de nada disso — responde. — A miúda não fará mais do que ajudar a Edna na lida da casa.

— Tomamos conta dela de bom grado — acrescenta a mulher. — É bem-vinda aqui.

— Olhem que ela leva-vos à falência a comer — diz o meu pai —, mas pronto, não se fala mais nisso.